



arquitectura paisagista

/07

JUNHO A DEZEMBRO 2011

/LISBOA LISBON



03/	DIRECÇÃO DIRECTION APAP Margarida Cancela d' Abreu	32/ PROJECTO 1 PAISAGEM ENQUANTO INFRAESTRUTURA <i>Landscape as infrastructure</i> Catarina Raposo			
04/	PAISAGEM IM PREVISTA A ÁGUA ENQUANTO MATÉRIA CONSTRUTORA DE ESPAÇO — DO LOGRADOURO AO TECIDO URBANO <i>(Un)Predictable Landscape — Water as substance of space design – from not-built space to urban fabric</i> Teresa Alfaite	38/ PROJECTO 2 MIRADOUROS DE LISBOA <i>Lisbon Belvedere</i> Filipe Brandão			
08/	LISBOA, GEODIVERSIDADE E GEOCONSERVAÇÃO <i>Lisbon, Geodiversity and Geoconservation</i> Galopim de Carvalho				
12/	LISBOA, CAPITAL DE PAISAGENS HUMANAS <i>Lisbon, capital of human landscapes</i> João Tiago Carapau	/DIRECÇÃO Rosário Salema			
18/	O ESPAÇO VERDE NO PLANEAMENTO DE LISBOA <i>The Green Space in Lisbon Planning</i> Manuela Raposo Magalhães	/DIRECÇÃO EDITORIAL Fátima Leitão Luis Cabral Rosário Salema Victor Beiramar Diniz			
23/	A PAISAGEM NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA <i>Landscape in the Metropolitan area of Lisbon</i> Alexandre Cancela d' Abreu	COLABORARAM NESTE NÚMERO: Margarida Cancela d'Abreu Teresa Alfaite Galopim de Carvalho João Tiago Carapau Manuela Raposo Magalhães Alexandre Cancela d' Abreu Gonçalo Ribeiro Telles Catarina Raposo Filipe Brandão Nuno Lourenço Mário J. Alves João Seixas Victor Beiramar Diniz Jorge Bonito António Jorge Gonçalves			
28/	PAISAGEM TERRITÓRIO <i>Landscape Territory</i> Gonçalo Ribeiro Telles	/PRODUÇÃO Fátima Leitão Maria Freire			
46/	TERRITÓRIO E PAISAGEM NOTAS SOBRE OFÍCIOS, TRAÇADOS E MUDANÇAS <i>Territory and Landscape — Notes on crafts, layouts and changes</i> Nuno Lourenço	/DESIGN GRÁFICO Alexandra X. Texto da Revista: lettering FLAMA (Feliciano Type Foundry)			
50/	MOBILIDADE SUSTENTÁVEL EM LISBOA: COM O COMPROMISSO GENEROSO E ESCLARECIDO DE MUITOS <i>Sustainable mobility in Lisbon: the generous and enlightened commitment of all</i> Mário J. Alves	/TRADUÇÃO Júlio Viana			
54/	EM TODAS AS RUAS <i>In every street</i> João Seixas	/CAPAS Ilustração de António Jorge Gonçalves			
59/	BIBLIOTECA LIBRARY Victor Beiramar Diniz	Depósito legal nº 318647/10 ISSN nº 1645-4707 Impressão AGIR 2000 exemplares Distribuição gratuita			
60/	VIAGEM JOURNEY Jorge Bonito	[nota: todos os textos estão de acordo com a antiga ortografia]			
62/	PORTFOLIO António Jorge Gonçalves				

DIRECÇÃO DIRECTION APAP

Margarida Cancela d' Abreu

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA DOS ARQUITECTOS
PAISAGISTAS
APAP MANAGEMENT

O presente número da AP começou a ser pensado há muitos meses, procurando-se a abordagem interprofissional e interinstitucional de um tema previamente decidido, conforme os objectivos enunciados no número anterior.

O tema escolhido – Lisboa - proporcionou uma participação diversificada de investigadores e outros profissionais, que desenvolveram um conjunto de questões muito diferenciadas. Os textos, mais científicos ou mais poéticos, revelam um traço comum, que é a intensidade da relação dos autores com Lisboa: conhecimento especializado profundo, vivência apaixonada, mágoa por algumas formas de evolução, forte fruição estética; mas nunca indiferença.

Ao correr dos textos vão sendo destacados e ... reiterados aspectos como: a evolução histórica do substrato da cidade e das transformações urbanas; a posição de Lisboa no contexto da região; a evolução das teorias para dotar a cidade de espaços com desempenho ecológico fundamental; a circulação da água; a mobilidade sustentável; e as ocorrências identitárias da cidade – o rio, as colinas, a luz admirável, os logradouros, os miradouros, as vistas e as percepções. E estes aspectos ora elogiam as características únicas de Lisboa, ora criticam a urbanização extensiva e a deficiente integração dos sistemas ecológicos com os sistemas das grandes infra-estruturas e das áreas construídas. Contudo não se ficam pelas críticas, apontando soluções e salientando as oportunidades decorrentes da mudança de paradigmas, da

focalização na reabilitação em vez da expansão urbana e da consideração do desenho urbano de base ecológica.

Considera-se assim que apesar dos textos terem sido redigidos muito antes da discussão pública do Plano Director Municipal de Lisboa, e portanto conterem questões que poderiam ser extemporâneas, eles apresentam uma actualidade notável. Pelo que a presente publicação reveste uma oportunidade relevante, enquanto reflexão de especialistas sobre as principais características e atributos de Lisboa, a sua evolução, os problemas actuais e as perspectivas de uma visão integradora relativamente à Área Metropolitana e aos diferentes sistemas estruturantes da cidade-região

Espera-se que este contributo permita olhar para o futuro de Lisboa, questionando as propostas actuais que não contribuam claramente para o equilíbrio entre a cidade e a sua envolvente, entre a morfologia do território e as formas de ocupação, entre o sistema construído, os sistemas ecológicos e culturais. E ainda questionando as propostas que não atendam ao que os residentes e visitantes esperam de Lisboa – o anonimato e as relações de vizinhança; a mobilidade cómoda, segura e saudável; a qualidade ambiental (atmosférica, visual, ruído alimentação); a disponibilidade e proximidade aos equipamentos, ao recreio, desporto e cultura.

This AP Journal edition began to be thought many months ago. We try to offer an inter-professional and interagency approach to an issue previously decided on the objectives set forth in the last edition.

The chosen theme - Lisbon - has provided a diversified participation of researchers and other professionals who have developed very different set of issues. These texts – some of them more scientific, some more poetic - reveal a common thread, which is the strength of the relationship between authors and Lisbon: deep expertise, passionate living, regret by some forms of evolution, strong aesthetic enjoyment - but never indifference.

Throughout these texts it will be highlighted and focused some aspects such as: the historical evolution of the city's substrate and the urban transformations; Lisbon's position in the context of its region; the evolution of theories to provide the city with green spaces with fundamental ecological performance; the water circulation; sustainable mobility; and the identity components of the city - the river, the hills, the wonderful light, the not-built spaces, the belvederes, the views and perceptions. These aspects praise the unique characteristics of Lisbon and at the same time criticize the extensive urbanization and poor integration of ecological systems with the systems of major infrastructure and the built environment. However criticism is not the only activity. These texts point out solutions and emphasize the opportunities that arise from the shift of paradigm, focusing on rehabilitation instead of urban expansion with the acceptance of urban design within an ecological base.

Although these texts were written long before the public discussion of Lisbon's Master Plan and therefore could contain some questions that could be out of its time, we considered these texts timeless. We believe this publication reveals a significant opportunity, containing ideas from experts on the key features and attributes of Lisbon, its evolution, its current problems and prospects of an integrated vision for the metropolitan area and the different structural systems in the city-region.

We hope this contribution allows looking at the future of Lisbon questioning the current proposals which do not clearly contribute to the balance between the city and its surrounding areas, between the morphology of the territory and its forms of occupation, between the built space, the ecological and cultural systems. Plus, we also try to question the proposals that doesn't meet the residents and visitors expectations of Lisbon - the anonymity and neighbour relations; the safe, healthy and convenient mobility; the environment quality (with atmosphere, visual and noise issues); the availability and proximity to recreation, sport and culture areas.



*Em todas as ruas te encontro
Em todas as ruas te perco
conheço tão bem o teu corpo
sonhei tanto a tua figura
que é de olhos fechados que eu ando
a limitar a tua altura*

*e bebo a água e sorvo o ar
que te atravessou a cintura
tanto, tão perto, tão real
que o meu corpo se transfigura
e toca o seu próprio elemento*

*num corpo que já não é seu
num rio que desapareceu
onde um braço teu me procura*

*Em todas as ruas te encontro
Em todas as ruas te perco*

MÁRIO CESARINY DE VASCONCELLOS



Lisboa, Canção de Variações

O que é Lisboa? O que significa? Como disse Jordi Borja, a cidade é a mais complexa realização humana, a mais significativa produção cultural alguma vez feita e recebida da história. Um fresco vivo, Lisboa, seja se visto desde a esquina do Rossio de onde D. Francisco Manuel de Mello detalhava, no século XVII, ricas paisagens urbanas e humanas; seja se dentro das carruagens do metropolitano de hoje, de onde António Jorge Gonçalves nos desenha, a nós, em elemento meta-urbano por excelência, túnel, movimento e conexão. Por todas as formas, para todos os desejos, cenário e actriz de largo calado e de longa história, Lisboa é uma enorme e profunda riqueza. Uma riqueza múltipla, caleidoscópica, um universo desdobrável de sequências, de estruturas, de ritmos e de expressões. Um imenso espaço público, um mar relacional pleno de sensações, de transacções e de experiências. Espaço material e espaço de vida, espaço de imaginação e de representação. Uma heteronímia infinita: “sou a cena viva onde passam vários actores, representando várias peças”, exclamou Bernardo Soares, no seu urbano desassossego.

Mas por baixo, esperando com infinita paciência, uma funda matriz mediterrânea (mesmo se diante do Atlântico). Filha de Roma e de Atenas, sustentada no seu “pequeno Mediterrâneo” (como chamou Cláudio Torres ao belo estuário), por longos séculos foi sendo tecida, como se tece uma boa cidade, a muy antiga Lisboa. A identidade de Lisboa funde-se com este carácter múltiplo, intercultural. Juntando três elementos vitais – uma vastidão marítima para o comércio; um rico e belo *hinterland*; e uma população variada, concentrada e disponível para a actividade relacional. Construindo, assim, espaços e dinâmicas de passagem e de permanência, característica dual talvez mais vincada na alma portuguesa pela maior distância face aos seus principais cais de chegada. E assim, entre cristão-velhos e judeu-novos, entre diversidades e uniformidades, entre dormências e solavancos (este parece ser um dos seus principais códigos de evolução), arditosamente tecido na matriz mediterrânea, se formou este fundo desassossego. Nas paisagens urbanas, nas distâncias marítimas, e nas enormes disparidades sociais e culturais. Lisboa é por excelência, e em simultâneo, um espaço de encontro e de construção, mas também de desencontro e de desconstrução. Uma canção de Variações. Entre Braga e Nova lorque, em movimento perpétuo, demasiadas vezes parece só estar bem onde não está e querer ir onde não vai.

A paisagem de Lisboa é, inevitavelmente, razão e reflexo da sua singular e plural heteronímia. Razão e reflexo dos desejos, dislexias e descompassos da geografia, dos homens e da história. E portanto é hoje Lisboa uma enorme polimorfologia, uma variada polifonia, com seus mil bairros todos diferentes e todos iguais; com seus esplendorosos Parques das Nações e suas expectantes Ajudas e Marvilas Velhas; com seus fados hedonístico-solitários e mega-concertos trans-globais; com absolutas lotações (em edifícios amplos, em varandas com marquises, em logradouros com impermeabilizados, em passeios com automóveis) e com absolutos devolutos (em edifícios amplos, em varandas com marquises, em logradouros com impermeabilizados, em passeios com automóveis). Diversidade ao lado de deserto. Desejo ao lado de desespero. Vigor ao lado de preguiça. Esperança ao lado de desalento. Um caos, à beira deste rio. O que pode ser uma grande riqueza.

Cidade e Revolução

Um caos contemporâneo. Lisboa tornou-se hoje num enorme ser-metrópole, grande região espacio-relacional, estendida de forma quase indefinida e ilimitada, muito para além das suas velhas colinas, margens ribeirinhas e fronteiras administrativas, assim como muito para além de qualquer lógica de evolução estruturada por simples determinismos racionalistas, ou relações directas de causa-efeito. A expansão e fragmentação da metro-Lisboa, arrítmica e intensa como uma canção de Variações, sustentada numa imbatível sobreposição de concessão de direitos reprimidos por décadas e por hipotecas financeiras, energéticas e ambientais, dá-se sob um planeamento fingidor. Este tem fingido tão completamente, que até finge que é solo, o solo deveras tomado. Como finge espaços verdes, leitos de cheia, discussões públicas.

E assim, sempre adolescentes, sem ampla reprogramação dos quadros e responsabilidades de planeamento e de ordenamento do território; chegámos hoje, com Gates, Jobs, a Intel e a China, a uma hiper-Lisboa, de paisagens desdobradas nos seus espaços e nos nossos tempos, numa crescente sobreposição de *Windows* e de *Blogs* espaciais e sensoriais, incertos da sua própria re ou des construção. Uma modularidade enorme, uma aparentemente infinita divisão do trabalho, das pessoas, dos bens e da informação, enfim da economia e da própria vida social. Dirigimo-nos para onde, e com que lemes? O barco é uma metro-hiper-polis com riquíssima história e geografia, com razoável bem-estar e sofríveis níveis de inclusão, suportada num mar de crédito hipotecário, em combustíveis fósseis não renováveis e numa excessiva pegada ambiental e social; o mar e o vento espelham horizontes de oportunidades, mas também fundas incertezas, receios de furacões futuros e, sobretudo, uma considerável ansiedade face ao que fazer e planear.

Lisbon, a Variações Song

What is Lisbon? What does it mean? As Jordi Borja said, the city is the most complex human endeavor, the most significant cultural production ever made and received from history. A living fresco, Lisbon, whether if seen from the corner of Rossio where D. Francisco Manuel de Mello detailed, in the seventeenth century, rich human and cityscapes, whether if within the present subway carriages where António Jorge Gonçalves draws us, in meta-urban element par excellence, tunnel, movement and connection . By all forms, to all desires, scenery and actress of large ballast and long history, Lisbon is a huge and profound richness. A multiple and kaleidoscopic richness, an unfolding universe of sequences, structures, rhythms and expressions. An immense public space, a relational sea full of sensations, transactions and experiences. Material and living space, as well as imagination and representation space. An infinite heteronomy: “I am the living scene where several actors pass, representing various plays, “ said Bernardo Soares, in his urban disquietude. But underneath, waiting with infinite patience, a profound Mediterranean matrix (even if in front of the Atlantic). Daughter of Rome and Athens, sustained in her “small Mediterranean”(as Claudio Torres called the beautiful estuary), for long centuries thus was woven, as a good city is, the very old Lisbon. The identity of Lisbon is merged within this multiple and intercultural character. Bringing together three vital elements - a vast sea for trade, a rich and beautiful hinterland, and a varied and concentrated population, available for all relational activity. Thus building spaces and dynamics of passage and permanence, dual feature perhaps mostly marked in the Portuguese soul by the greater distance facing its main arrival harbors. And so, between old christians and new jews, between diversity and uniformity, between numbnesses and bumps (this seems to be one of its main codes of evolution), artfully woven in its Mediterranean matrix, as been formed this deep disquietude. In its urban landscapes, in its sea distances, in its huge social and cultural disparities. Lisbon is per excellence, simultaneously, space for encounter and construction but also space for disencounter and deconstruction. A Variações song. Between Braga and New York, in perpetual motion, too often seems only to be well where it is not, and wanting to go where it does not goes. The landscape of Lisbon is, inevitably, reason and reflection of its singular and plural heteronomy. Reason and reflection of the wishes, dyslexia and discompasses of geography, men and history. And so is Lisbon today a huge polimorphology, a diverse polyphony, with its thousand neighborhoods all different and all alike, with its splendid Parques das Nações and its expectant Ajudas and Marvilas Velhas, with its hedonistic and solitary fados and its trans-global mega-concerts; with absolute crowdnesses (in large buildings, in balconies with *marquises*, in common grounds with constructions, in sidewalks with cars) and with absolute vacancies (in large buildings, in balconies with *marquises*, in common grounds with constructions, in sidewalks with cars). Diversity alongside desert. Desire alongside despair. Vigor alongside laziness. Hope alongside dismay. A chaos, at the edge of this river. Which can be a great richness.

City and Revolution

A contemporary chaos. Lisbon has become today a huge metropolis, a large spatio-relational region, extended in an almost indefinable and unlimited form, far beyond its ancient hills, river banks and administrative boundaries, and far beyond any logics of evolution structured by simple rationalistic

Alguns dos nossos melhores pensadores chamam a este período de *Revolução Urbana*. Porque os espaços urbanos tornaram-se definidores quase absolutos dos capitais, das estruturas e dos anseios de (r)evolução. Da própria natureza, quando o futuro da Amazónia se decide sobretudo em Xangai ou na nossa cozinha IKEA. Melhor ou pior, estamos a criar uma 'nova condição urbana', com diferentes formas de percepção e de vivência nas dinâmicas quotidianas. Nesta época fascinante, entre as desorientações e os riscos de conservadorismo, novas e magnificas oportunidades – de desenvolvimento, de inclusão e justiça, de qualidade de vida – se podem formar e expandir. Como as consolidar? Com inteligência, estratégia e compromisso. Inteligência global, decerto, mas muita inteligência local, desde logo. O sucesso de cada polis dependerá, cada vez mais, de si própria. E em si própria. As volatilidades e incertezas dos novos tempos obrigam a que os direitos de cada cidadão estejam não somente ligados a instituições clássicas mas crescentemente relativas como a nacionalidade e o contrato de trabalho, mas cada vez mais a elementos centrais da sua vivência e cognição – como o habitat, a cidadania e, evidentemente, a paisagem. Re-identificando o indivíduo e a sociedade, com o território.

A Paisagem de um Genoma Urbano

Uma re-identificação em reconhecimento dos 'sentidos de lugar', ou dos 'espíritos de lugar': os *genius loci*. Genius loci, desde os bairros mais históricos e compactos de Lisboa, às suas mais perdas periferias sem título, mas com todo o direito a uma narrativa. Há aqui imenso a fazer, perante tantas periferias ainda tão necessitadas de reconhecimento. Genius loci, da mesma forma, desde os seus maiores e mais pesados elementos urbanos e paisagísticos, às suas texturas mais finas e subtlis da vivência e do olhar. Parte vital da capacidade mais interpretativa e narrativa da paisagem urbana está nestas dimensões mais imprecisas e mais sensoriais, em algo que o urbanismo actual ainda muito pouco capta, por ainda fortemente funcionalista e cartesiano.

Ganhando-se assim personalidade, em e com cada um destes espaços e fluxos. Em paisagens com capacidade de estimular imaginários, representações e desejos. Em paisagens com capacidade de serem espaços de significado e de experiência. De esperança, a nível individual e a nível colectivo.

E reduzindo-se diversas tendências de banalização e de insensibilização dos lugares, algo que na bela e adolescente Lisboa é verdadeiramente um risco. Destruir a identidade de um lugar, com suas complexidades, é tão reprovável como destruir a sua biodiversidade. Os riscos são os de uma excessiva velocidade de mutação nas suas paisagens e usos do solo, sem cuidada visão, estratégia e regulação; e ainda os de uma simplista conjugação de capacidades imobiliárias e de simbologias turísticas, taxidermizando Lisboa e reduzindo-a a um jogo de Monopólio com *Residences e Gardens*, a um Chiado, um eléctrico amarelo e um pastel de Belém.

A paisagem de Lisboa é, inevitavelmente, razão e reflexo da sua singular e plural heteronímia. Razão e reflexo dos desejos, dislexias e descompassos da geografia, dos homens e da história.

The landscape of Lisbon is, inevitably, reason and reflection of its singular and plural heteronomy. Reason and reflection of the wishes, dyslexia and discompasses of geography, men and history.

determinism or direct relations of cause and effect. The expansion and fragmentation of metro-Lisbon, arrhythmic and intense as a Variações song: sustained in an unbeatable super-positioning of concession of rights repressed for decades and by financial, energetic and environmental mortgages; is made under a pretender spatial planning. Pretending so completely, even pretending it is land, the land effectively used. As it has pretending green spaces, flood plains, public discussions. And so, always teenagers, without and extensive reprogramming of territorial planning structures and responsibilities; we arrived today, with Gates, Jobs, Intel and China, to a hyper-Lisbon of landscapes unfolding in its spaces and in our times, in an increasing overlapping of spatial and sensorial *Windows* and *Blogs*, uncertain of their own *re* or *de* construction. A massive modularity, a seemingly endless division of labor, people, goods and information, of economy and social life itself. We are directing where, and with what rudders? The boat is a metro-hyper-polis with a deeply rich history and geography, reasonable well-being sufferable inclusion levels, supported by a sea of mortgages and non-renewable fossil fuels, in an excessively environmental and social footprint; the sea and wind mirror horizons of opportunities, but also of deep uncertainties, fears of future hurricanes and, above all, a considerable anxiety about what to do and plan. Some of our best thinkers call this period of *Urban Revolution*. Because urban spaces have become the almost absolute definers of the capitals, structures and expectations of (r)evolution. Of nature itself, when the future of Amazon is mainly decided in Shanghai or in our IKEA kitchen. For better or for worse, we are creating a 'new urban condition', with different forms of perception and experience in the dynamics of daily life. In this fascinating times, between disorientation and conservatism risks, new and wonderful opportunities – for development, for inclusion and justice, for quality of life - can form and expand. How to consolidate them? With intelligence, strategy and commitment. Global intelligence, certainly, but a lot of local intelligence at the outset. The success of each polis will depend more and more on itself. And

Decerto, cada paisagem urbana deve ter uma capacidade própria de transformação – pois uma paisagem parada é uma paisagem morta. Mas uma capacidade de transformação suave e pensada, não brusca e violenta. Daqui, também, a profunda necessidade de cumplicidade e de envolvimento entre indivíduo, paisagem e cidade. Normas sim, muitas renovadas sem dúvida, mas sobretudo valores. E diálogo, transversalidade, cumplicidade – entre homem, cidade e paisagem.

O Futuro de Lisboa: o Reconhecimento, entre chegadas e partidas

Há assim que construir e comprometer, em Lisboa, bases amplas de princípios, de estratégias e de direitos; de sólidas narrativas, para a cidade e para as suas cidades da cidade; de estruturas-habitat, onde vigore o pleno *Direito à Cidade*, geneticamente polimórfico e polifónico. Re-identificando-se a sua sociedade com o seu território – e com a sua política, em nobre e moral razão e emoção. Sabendo que a Lisboa de amanhã será (tal como foi a Lisboa de ontem e tal como é a Lisboa de hoje) um território de paradoxos, de diálogos e de conflitos, de construção e de desconstrução. Uma canção de Variações. E assim também reconhecendo, democrática e biologicamente, o seu genoma. Não é um destino, nem essas parvoíces com nevoeiros. É um metabolismo, em perpétuo movimento. Desejadamente de qualidade, e sustentável.

Para uma Lisboa melhor e mais feliz, para todos. Para uma Lisboa que reassuma plenamente o seu carácter mediterrâneo. Sendo uma *cidade de cidades*, viva, relacional, heterogénea e intercultural. Sendo uma Lisboa que permita a boa mobilidade e que defenda a proximidade e a diversidade – o que implicará a não segregação de funções e de pessoas diferentes (não permitindo, por exemplo, bairros exclusivamente sociais). Sendo uma Lisboa que seja um grande espaço público de encontro das gentes – é esse o seu verdadeiro património, e não apenas os palácios e as igrejas. Tomando com empenho e com carinho os espaços públicos, que são de todos, considerando-os como elementos maiores de uma cidade, e não filhos de um deus menor. Sendo uma Lisboa que fomente a criatividade, a cultura e o cosmopolitismo – sem se render aos discursos baratos da competitividade ou do festival a qualquer preço. Sendo uma Lisboa inclusiva e solidária, que respeite e apoie todos, crianças, idosos, imigrantes, desempregados. E que defenda, acerrimamente, os valores da humanidade, da sustentabilidade, do ambiente urbano e da paisagem. Sendo uma Lisboa bem governada, onde os espaços da política e da cidadania sejam verdadeiramente próximos dos espaços das necessidades, das oportunidades, das ansiedades e dos desejos, bem como dos valores da ética e da responsabilidade. Pugnando por um novo tipo de planeamento e de urbanismo, que realce acima de tudo as paisagens do quotidiano, os espaços de encontro e de criação, a ecologia e a diversidade. Sendo uma Lisboa que saiba que uma cidade moderna e contemporânea se faz com as pessoas e com a natureza, e para as pessoas e a natureza. Sendo, enfim, uma Lisboa onde cada um dos seus lugares, todos os dias, possa ser um lugar de relação, de afecto, de desejo.

De reconhecimento. E assim, finalmente, de Liberdade.

Recebemos, das gerações anteriores, uma cidade magnífica. Hoje, cabe-nos a nós fazer e exigir esse caminho de abertura, de relação e de reconhecimento. Amanhã, serão os nossos filhos a fazê-lo e a exige-lo. Apesar de demasiado incompreendidas demasiadas vezes, Lisboa e suas paisagens dinâmicas e paradoxais continuarão a dar-nos, todas as manhãs, uma esperança subtil, aromática. Uma esperança mediterrânea e desejadamente plural. Em todas as ruas.

Referências

António Jorge Gonçalves *Subway life*, in <http://www.subway-life.com>
António Variações *Muda de vida*, Relógio d'Água, Lisboa 2006
Bernardo Soares *Livro do desassossego*, Assírio e Alvim e Richard Zenith, Lisboa 2009
Damião de Goes *Descrição da cidade de Lisboa*, Livros Horizonte, Lisboa 1988
Edouard Pons *Lisbonne, terre de rencontres*, Editions Autrement, Paris, 2008
Eduardo Gageiro *Lisboa no cais da memória*, Lisboa 2004
Filipe Jorge, Maria Calado e Clara Mendes, *Lisboa vista do céu*, Argumentum, Lisboa 1995
Francisco Manuel de Mello *Apólogos dialogais. A visita das fontes*, Lisboa 1721
João Seixas *O genoma urbano de Lisboa*, in *Lisboa, saúde e inovação, do renascimento aos dias de hoje*, Associação Portuguesa para a Saúde Pública e Gradiva, Lisboa 2008
João Seixas *Estruturas e dinâmicas do capital sócio-cultural em Lisboa*, in Manuel Villaverde Cabral, Filipe Carreira da Silva e Tiago Saraiva (Eds.), Cidade & Cidadania - Governança Urbana e Participação Cidadã, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa 2008
Joan Nogué *Entre paisages*, Àmbit, Barcelona 2009
Jordi Borja *La ciudad conquistada*, Alianza Editorial, Madrid 2003
José Cardoso Pires *Lisboa, livro de bordo. Vozes, olhares, memorações*, Publicações Dom Quixote, Lisboa 1997
José Mattoso, Suzanne Daveau e Duarte Belo *Portugal – O sabor da terra*, Círculo de Leitores, Lisboa 1997
José Sarmento de Matos *A invenção de Lisboa*, Temas e Debates, Lisboa 2008
José Augusto França *Lisboa, história física e moral*, Livros Horizonte, Lisboa 2009
Manuel Graça Dias *Passada Lisboa presente Lisboa futuro* Parceria A. M. Pereira, Lisboa 2001
Manuel Salgado e Nuno Lourenço *Atlas Urbanístico de Lisboa*, Argumentum, Lisboa 2006
Marina Tavares Dias *Lisboa Desaparecida*, Quimera, Lisboa 1087-2007
Extra Muros *Lisboa, capital do nada*, Almedina, Lisboa 2007
Nicolas de Crecy e Raphael Meltz *Lisbonne, voyage imaginaire*, Casterman, Paris 2002
Proposta de Carta Estratégica de Lisboa, Lisboa 2009 in <http://cartaestrategica.cm-lisboa.pt>
Proposta de Revisão do PDM de Lisboa, Lisboa 2011 in <http://pdm.cm-lisboa.pt>
Teresa Barata Salgueiro *Lisboa, periferia e centralidades*, Celta Editora, Oeiras 2001



in itself. The volatilities and uncertainties of the new times require that the rights of each citizen shall not only linked to traditional but increasingly relative institutions such as nationality or the employment contract, but increasingly linked to central elements of experience and cognition - such as the habitat, citizenship and, surely, landscape. Re-identifying the individual and society with the territory.

The Landscape of an Urban Genoma

A re-identification in reckoning the 'senses of place', or the 'spirits of place': the genius loci. Genius loci, from the most historical and compact neighborhoods of Lisbon, to its most lost and untitled suburbs, nonetheless with every right to a proper narrative. There's a lot to do here, before so many neighborhoods still in need of recognition. Genius loci, in the same way, from its larger and heavier urban and landscaping elements, to its finer and subtle textures of experience and regard. A vital part of the most interpretative and narrative abilities of the urban landscape lies in these mostly imprecise and sensorial dimensions, in something that present urbanism still captures very little, for still too functionalist and cartesian. Thus be gaining personality, in and with each of these spaces and flows. In landscapes with the ability to stimulate imaginaries, representations and desires. In landscapes with the ability to be spaces of meaning and of experience. Of hope, both at individual and collective level. And thus reducing the various trends for banalization and unawareness of places, something that in the beautiful and teenager Lisbon is truly a risk. To destroy the identity of a place, with its complexities, is so reprehensible as to destroy its biodiversity. The risks include an excessive speed of mutation in landscapes and land uses, without careful vision, strategy and regulation; and a simplistic combination of real estate capabilities and tourist symbolologies, taxiderming Lisbon and reducing it to a Monopoly game with *Residences* and *Gardens*, a Chiado, a yellow tram and a pastel de Belém. Surely, each urban landscape must have a proper capability for its own transformation – for a still landscape is a dead landscape. But a soft and self-thought, not sharp and violent transforming capability. Hence, also the deep need of complicity and involvement between individual, landscape and city. Rules, yes, many no doubt renewed, but above all values. And dialogue, transversality, complicity - between man, city and landscape.

The Future of Lisbon: the Recognition, between arrivals and departures

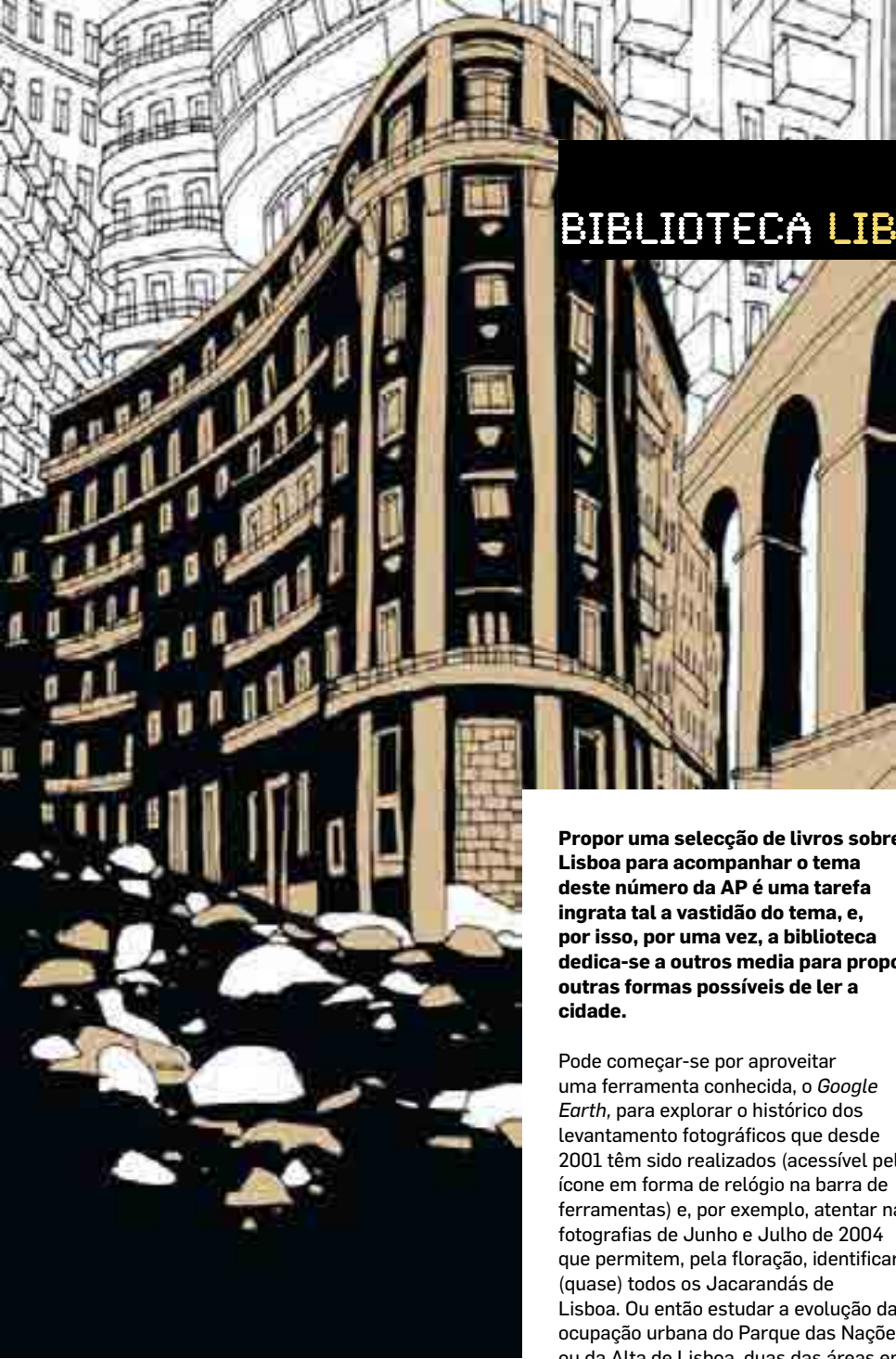
We have therefore to build and compromise, in Lisbon: broad based principles, strategies and rights; solid narratives, to the city and to its cities of the city; habitat-structures, where it stands a full *right to the city*, genetically polymorphic and polyphonic. Re-identifying society with territory - and with politics, in moral and noble reason and emotion. Knowing that the tomorrow's Lisbon (as was yesterday's Lisbon and as will is today's Lisbon) a territory of paradoxes, dialogues and conflicts, of construction and deconstruction. A Variações song. And thus also recognizing, democratically and biologically, its genoma. It is not a destiny, nor those foolish things with fog. It's a metabolism, in perpetual motion. Desirably with quality, and sustainable. For a better and happier Lisbon for all. For a Lisbon that fully reassumes its Mediterranean character. Being a city of cities, living, relational, heterogeneous and intercultural. Being a Lisbon that allows good mobility and defends proximity and diversity - which implies the non-segregation of different functions and people (not allowing, for example, exclusively social neighborhoods). Being a Lisbon that should be a large public space for the encounter of its people - that is its true heritage, not only its palaces and churches. Taking with commitment and care all its public spaces, which are for all, considering them as major elements of a city and not children of a lesser god. Being a Lisbon that fosters creativity, culture and cosmopolitanism, without surrendering itself to the cheap discourses of competitiveness or festival at any price. Being an inclusive and solidary Lisbon, respecting and supporting everyone, children, elderly, immigrants, unemployed. A Lisbon defending, fiercely, the values of humanity, sustainability, urban environment and landscape. A well-governed Lisbon, where the spaces of politics and citizenship might be truly close from the spaces of needs, opportunities, anxieties and desires; as well as from the values of ethics and responsibility. Striving for a new type of planning and urbanism, stressing above all the landscapes of daily life, the spaces of encounter and creation, the ecology and the diversity. Being a Lisbon that knows that a modern and contemporary city is made with people and nature, and for people and nature. Being, in short, a Lisbon where each one of its places, every day, might be a place of relationship, of affection, of desire. Of recognition. And so, of Freedom. We received from the previous generations a magnificent city. Today, it is up to us to make and require this path of openness, relationship and recognition. Tomorrow will be our children to demand and do for it. Although often misunderstood too many times, Lisbon and its dynamic and paradoxical landscapes will continue to give us, every morning, a subtle and aromatic hope. A Mediterranean and desirably plural hope. In every street.

References

António Jorge Gonçalves *Subway life*, in <http://www.subway-life.com>
António Variações *Muda de vida*, Relógio d'Água, Lisboa 2006
Bernardo Soares *Livro do desassossego*, Assírio e Alvim e Richard Zenith, Lisboa 2009
Damião de Goes *Descrição da cidade de Lisboa* Livros Horizonte, Lisboa 1988
Edouard Pons *Lisbonne, terre de rencontres*, Editions Autrement, Paris, 2008
Eduardo Gageiro *Lisboa no cais da memória*, Lisboa 2004
Filipe Jorge, Maria Calado e Clara Mendes, *Lisboa vista do céu*, Argumentum, Lisboa 1995
Francisco Manuel de Mello *Apólogos dialogais. A visita das fontes*, Lisboa 1721
João Seixas *O genoma urbano de Lisboa*, in *Lisboa, saúde e inovação, do renascimento aos dias de hoje*, Associação Portuguesa para a Saúde Pública e Gradiva, Lisboa 2008
João Seixas *Estruturas e dinâmicas do capital sócio-cultural em Lisboa*, in Manuel Villaverde Cabral, Filipe Carreira da Silva e Tiago Saraiva (Eds.), *Cidade & Cidadania - Governança Urbana e Participação Cidadã*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa 2008
Joan Nogué *Entre paisages*, Àmbit, Barcelona 2009
Jordi Borja *La ciudad conquistada*, Alianza Editorial, Madrid 2003
José Cardoso Pires *Lisboa, livro de bordo. Vozes, olhares, memorações*, Publicações Dom Quixote, Lisboa 1997
José Mattoso, Suzanne Daveau e Duarte Belo Portugal – *O sabor da terra*, Círculo de Leitores, Lisboa 1997
José Sarmento de Matos *A invenção de Lisboa*, Temas e Debates, Lisboa 2008
José Augusto França *Lisboa, história física e moral*, Livros Horizonte, Lisboa 2009
Manuel G. Dias *Passado Lisboa presente Lisboa futuro* Parceria A. M. Pereira, Lisboa 2001
Manuel Salgado e Nuno Lourenço *Atlas Urbanístico de Lisboa*, Argumentum, Lisboa 2006
Marina Tavares Dias *Lisboa Desaparecida* Quimera, Lisboa 1087-2007
Extra Muros *Lisboa, capital do nada*, Almedina, Lisboa 2007
Nicolas de Crecy e Raphael Meltz *Lisbonne, voyage imaginaire*, Casterman, Paris 2002
Proposta de Carta Estratégica de Lisboa, Lisboa 2009 in <http://cartaestrategica.cm-lisboa.pt>
Proposta de Revisão do PDM de Lisboa, Lisboa 2011 in <http://pdm.cm-lisboa.pt>
Teresa Barata Salgueiro Lisboa, periferia e centralidades, Celta Editora, Oeiras 2001

* João Seixas — Investigador no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Doutor em Geografia Urbana pela Universidade Autónoma de Barcelona, com uma tese em torno da governação contemporânea das cidades, incidindo na cidade de Lisboa. Mestre em Urban and Regional Planning pela London School of Economics. Comissário da Carta Estratégica de Lisboa. Coordenador de diversos projectos de desenvolvimento e de regeneração urbana. Exerce uma variada actividade cívica para a qualificação das cidades e sua governação.

João Seixas is researcher at the Institute of Social Sciences - University of Lisbon. He has a Ph.D. in Urban Geography from the Autonomous University of Barcelona with a thesis about the contemporary governance of cities, focusing on the city of Lisbon. He has a Master degree in Urban and Regional Planning from the London School of Economics. He is commissioner of Lisbon's Strategy Letter. He is also coordinator of several development projects and urban regeneration. João Seixas exerts diverse civic activity for the classification of cities and their governance.



Victor Beiramar Diniz

BIBLIOTECA LIBRARY

Propor uma selecção de livros sobre Lisboa para acompanhar o tema deste número da AP é uma tarefa ingrata tal a vastidão do tema, e, por isso, por uma vez, a biblioteca dedica-se a outros media para propor outras formas possíveis de ler a cidade.

Pode começar-se por aproveitar uma ferramenta conhecida, o *Google Earth*, para explorar o histórico dos levantamento fotográficos que desde 2001 têm sido realizados (acessível pelo ícone em forma de relógio na barra de ferramentas) e, por exemplo, atentar nas fotografias de Junho e Julho de 2004 que permitem, pela floração, identificar (quase) todos os Jacarandás de Lisboa. Ou então estudar a evolução da ocupação urbana do Parque das Nações ou da Alta de Lisboa, duas das áreas em acelerada mutação neste período.

Outra forma de ver Lisboa (e não só) é a que nos possibilita o diário gráfico de Eduardo Salavisa no *blog Desenhador do Quotidiano* (diario-grafico.blogspot.com), onde o dia-a-dia da cidade e de quem a habita (o próprio autor incluído) nos é desvelado página a página. Também o dia-a-dia da cidade e o papel dos seus habitantes é o objecto do *blog* politicamente comprometido, mas não necessariamente politicamente filiado, *CidadaniaLx* (cidadaniaLx.blogspot.com) que se propõe, segundo o seu manifesto, *aplaudir, apupar, acusar, propor e dissertar tudo quanto se passe de bom e de mau* na cidade.

Por fim, outras Lisboas ainda, são as do cinema: da *Canção de Lisboa* de Cottinelli Telmo a *Recordações da Casa Amarela* de João César Monteiro, ou d'A *Caixa* de Manoel de Oliveira à *Cidade Branca* de Alain Tanner, toda uma plêiade de possibilidades.

Proposing a selection of books about the city of Lisbon to accompany this AP issue is a thankless task as the vastness of the topic is vast. In that way we must devote ourselves to other media to suggest other possible ways of reading the city.

You can also take advantage of a very well known tool - *Google Earth* - to explore the history of photographic survey that has been conducted since 2001 (accessible by the clock-shaped icon on the toolbar) and, for example, look at the photographs of June and July 2004 that allow us to identify almost all jacarandas in Lisbon. Or we may study the evolution of urban occupation in Parque das Nações or the Alta de Lisboa: two areas in change at this time.

Another way to see Lisbon (and elsewhere) is through the daily chart of Eduardo Salavisa in his *blog* “Desenhador do Quotidiano” (diario-grafico.blogspot.com) where Lisbon's daily life and its inhabitants (the author included) is disclosed in page by page. The daily life of Lisbon and its inhabitants is also the subject of politically compromised but not necessarily politically affiliated blog “CidadaniaLx” (cidadaniaLx.blogspot.com) which aims, according to its manifesto, “to clap, to roar, to accuse, to propose and to expound all that is good and bad in this city”.

Finally there is still other Lisbons in films like *A Canção de Lisboa* by Cottinelli Telmo; *Recordações da Casa Amarela* by João César Monteiro; *A Caixa* by Manoel de Oliveira; and *The White City* by Alain Tanner: a whole host of possibilities.



/agradecimento

A Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas
agradece o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian
à edição da revista AP.



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN